

N. 9/7/83

DEPOIMENTO

Notícias
9 Julho 1983

Como fui atendido

Uma parente minha, improdutiva e sem nenhuma ocupação, caiu quarta-feira nas mãos da brigada constituída pelas Forças de Defesa e Segurança que depois de a convidar a identificar-se acabou por ir «parar» ao Centro de Verificação lá do bairro.

Toda aflita, pois não concebia a atitude das autoridades, pediu aos homens do posto para que lhe deixassem fazer um telefonema, por quanto queria contactar comigo o mais urgente possível, ao que acederam. Do outro lado do fio, uma voz «tremida» com palavras mal articuladas chamava-me.

Corri para o sítio e um dos elementos da autoridade informou-me amavelmente sobre as razões que levaram aquela minha parente a ser conduzida ao Posto de Verificação; era desempregada e não se inscrevera voluntariamente durante a primeira fase da «Operação Pro. dução».

A situação dela idêntica à de muitos outros cidadãos que, pela força das circunstâncias foram convidados a abandonar a cidade, não poderia ser tomada como caso excepcional ou como outros casos sujeitos a uma investigação minuciosa.

No entender dela, era minha obrigação declarar junto do Centro de Verificação e poderia até certo ponto ter informado que efectivamente se tratava de uma doméstica, partindo do princípio que na minha casa todos são trabalhadores, à excepção da minha mãe já velha.

A minha parente é quem se ocupa fundamentalmente dos afazeres caseiros.

A legitimidade das minhas declarações poderia, inclusivamente, ser testemunhada pelo próprio chefe de Quarteirão que é meu vizinho.

Contudo, pensei que casos destes são inúmeros em diversas casas e multiplicados por cerca de um milhão de cidadãos que habitam a cidade. E se eu interviesse «humanitariamente» em defesa de um familiar, teria de aceitar que todos os outros o fizessem e, por conseguinte, todos os improditivos continuariam eternamente paralisados.

Ninguém gosta de ver pessoas da sua família a abandoná-lo e várias justificações certamente que haviam de aparecer.

Isso significaria por outras palavras pôr em causa o verdadeiro espírito da «Operação» que é fundamentalmente, devolver a mão-de-obra excedentária à produção, afectando-a em tarefas produtivas.

Trata-se, como disse, de uma parente muito próxima mas sem qualquer ocupação produtiva.

Ela foi convidada a abandonar a cidade se não tivesse ocupação que a pudesse identificar como trabalhadora pois doméstica, já tenho na minha casa que é a minha mãe e talvez não fosse necessário contar com mais uma.

Naquele centro, além do que pude ver relacionado com o meu assunto, também procurei inteirar-me da maneira como são atendidas outras pessoas, pois no meu entender aquela cortesia patenteada para comigo talvez fosse uma excepção.

F MABHANDLA